



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

WESLAINE THALITA SILVA RAMOS

O ASSÉDIO SEXUAL ENTRE OS MUROS DA UNIVERSIDADE: INVESTIGANDO
SITUAÇÕES VIVENCIADAS POR ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM

CUITS
2019

WESLAINE THALITA SILVA RAMOS

O ASSÉDIO SEXUAL ENTRE OS MUROS DA UNIVERSIDADE: INVESTIGANDO
SITUAÇÕES VIVENCIADAS POR ACADNMICAS DE ENFERMAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso entregue à
Coordenação do Curso de Bacharelado em
Enfermagem do Centro de Educação e Saúde
da Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Dra. Alynne Mendonça
Saraiva Nagashima

CUIT

2019

FICHA CATALOGRÉFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Rosana Amºncio Pereira - CRB 15 - 791

R175a

Ramos, Weslaine Thalita Silva.

O assºdio sexual entre os muros da universidade: investigando situaes vivenciadas por acadºmicas de enfermagem. / Weslaine Thalita Silva Ramos - Curitiba: CES, 2019.

38 fl.

Monografia (Curso de Graduao em Enfermagem) - Centro de Educao e Sade / UFCG, 2019.

Orientadora: Dra. Alynne Mendona Saraiva Nagashima.

1. Assºdio sexual. 2. Estudantes de enfermagem. 3. Instituies de ensino superior. 4. Feminismo. I. Tºtulo.

Biblioteca do CES - UFCG

CDU 343.541

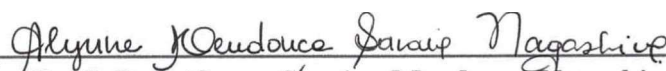
WESLAINE THALITA SILVA RAMOS

O ASSÉDIO SEXUAL ENTRE OS MUROS DA UNIVERSIDADE: INVESTIGANDO
SITUAÇÕES VIVENCIADAS POR ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso entregue à
Coordenação do Curso de Bacharelado em
Enfermagem do Centro de Educação e Saúde da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Enfermagem.

Aprovado em 19 de junho de 2019.

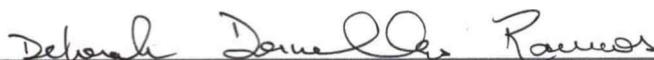
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Alynne Saraiva Mendonça Magalhães Orientadora
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof.ª Dr.ª Francinalva Dantas de Medeiros
Membro examinadora
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Prof.ª Dr.ª Deborah Dornellas Ramos
Membro examinadora
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Dedico este trabalho aos meus avós maternos e à minha mãe, luz na minha vida, que me criaram com tanto esmero e se empenharam em me educar. Aqui estão os resultados dos seus esforços. Gratidão eterna por serem uma fonte inesgotável de amor.

AGRADEDIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar e sempre, Deus, fonte de tudo, meu melhor amigo, com quem falo todos os dias na verdade da minha alma, nos sentimentos do meu coração e no silêncio da minha mente.

Aos meus mestres espirituais, santos e sábios de todas as religiões, que me inspiram na busca para ser um ser elevado.

Wilma, pai e mãe, ouro de mina, que entre tantas coisas, me ensinou na prática a ser resiliente. Mulher guerreira, cativante, imbuída de alegria, une pessoas. Agradeço imensamente por todo amor, por toda dedicação, incentivo, e, sobretudo, por sempre ter um sorriso largo para me dar, mesmo quando o momento não é muito oportuno. Não poderia deixar de te agradecer por ter concebido Werick, meu querido irmão, com quem sempre compartilhei bons momentos. Vocês sempre terão o meu amor!

Socorro Batista, minha vizinha, quanta gratidão eu tenho a ti! Foi, junto com minha mãe e meu avô, peça fundamental no meu processo de criação. Me criou com tanto esmero, me educou na fé. Obrigada por ceder seus materiais de Agência Comunitária de Saúde para fazer parte das minhas brincadeiras de infância. Obrigada por me levar para trabalhar com você. Obrigada por me fazer decidir cursar Enfermagem. O seu amor reluz que nem riqueza!

Meu avô, meu papai. Colecionador do Religião, obrigada por não permitir que eu sentisse o vazio da ausência de um pai. Agradeço pelas camisas suadas de um dia de trabalho que me emprestava para que me servisse como um jaleco. A idade era pouca, 5 ou 6 anos, mas o momento é vivo em minha memória. Você, foi meu primeiro paciente: "O que o senhor está sentindo, papai? Vou dar uma injeção e vai melhorar". Sim, parece que eu gostei mesmo de brincar de enfermeira... hoje levo sorriso!

Mãe, vizinha e papai, minhas palavras de gratidão parecem pequenas diante de seus atos. Sinto que não sou capaz de encontrar um modo de dizer o quanto vocês são importantes em minha vida. Tocarei seus nomes para poder falar de amor.

Ao restante da minha família, sou grata pelo incentivo, apoio e pela presença confortante. Obrigada pela certeza de que nunca estarei sozinha.

Meu agradecimento ao meu companheiro, eterno namorado, Domingos Neto, pelo suporte, cuidado e companheirismo. Obrigada por compreender minhas ausências e momentos de estresse durante a minha caminhada acadêmica. Saiba que aqui ou noutro lugar, que pode ser feio ou bonito, se não estivermos juntos, haverá um céu azul.

Eu poderia listar todas as pessoas que exerceram algum tipo de influência significativa e profunda em minha vida, mas falharia, pois sei que esqueceria alguns nomes. Pessoas que compartilharam comigo sua sabedoria, me contaram suas verdades, suportaram as minhas falhas e fraquezas. Pessoas que me fizeram crescer, ficar de algum modo maior. Pessoas que não conheci ou que não lembro sequer o nome, mas cujas vidas mudaram meu modo de enxergar a vida.

Aos meus professores pelo conhecimento compartilhado, em especial – minha orientadora Alynne Mendonça, mulher de voz, mulher de resistência. Obrigada por lutar por mim, por nós e pelas outras!

Expresso minha gratidão também – minha banca examinadora. Deborah e Fran, obrigada pela disponibilidade e pela atenção que tiveram com o meu trabalho.

Novamente, mas não o bastante, quero agradecer a Deus, por me conceder o magnífico dom da vida e por permitir compreender que o que vem Dele é sempre meu pensamento mais elevado, a palavra mais clara e o sentimento mais nobre. O pensamento mais nobre é sempre o mais alegre. A palavra mais clara é sempre a verdadeira. O sentimento mais nobre é sempre aquele a que chamam de amor.

Alegria, verdade, amor.

ʼh ēé ěi ō dñ ěi ōd ĥ ĥ ĩ ōā÷đ éhéh ēéhé IJdéh°P^M
&Hóí é +é÷űđ

RESUMO

O assédio sexual é uma prática discriminatória e violenta que se ampara nas desigualdades entre os gêneros. No campo acadêmico, os casos são frequentes e a justificativa dessas situações é o fato de que ambientes, como a universidade, em que há uma estrutura de poder com diferentes níveis de dependência possuem maior probabilidade de promover e sustentar práticas de assédio sexual. Diante dessa conjuntura, este estudo tem como objetivo principal investigar os casos de assédio sexual vivenciados por acadêmicas de Enfermagem. Trata-se de uma pesquisa do tipo transversal e descritiva com uma abordagem quantitativa. O local da pesquisa foi o Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande. A pesquisa contou com 110 participantes, sendo que destas, 59,1% vivenciaram algum tipo de assédio sexual no ambiente acadêmico. A forma de assédio sexual que mais se repetiu foi o constrangimento por palavras ou atos obscenos. Entre os locais que ocorreram o assédio, se destacou os eventos da universidade, e o assédio foi feito, principalmente, por discentes de outros cursos do campus. Além disso, os sentimentos que mais se destacaram frente ao assédio sexual, foram o medo e a ansiedade. Como estratégia de enfrentamento as estudantes referiram que utilizaram o diálogo com pessoas que já passaram pela mesma situação. Diante dos resultados, identificou-se a necessidade impreterível de intervenções por parte das instituições, que devem destinar a devida atenção sobre essas atitudes tão silenciadas.

Palavras-chave: Assédio sexual; Estudantes de Enfermagem; Instituições de Ensino Superior; Feminismo.

ABSTRACT

Sexual harassment is a discriminatory and violent practice that relies on gender inequalities. In the academic field, cases are frequent and the justification for these situations is the fact that environments such as the university where there is a power structure with different levels of dependence are more likely to promote and sustain practices of sexual harassment. Given this conjuncture, this study has as main objective to investigate the cases of sexual harassment experienced by nursing students. It is a cross-sectional and descriptive research with a quantitative approach. The research site was the Education and Health Center of the Federal University of Campina Grande. The survey had 110 participants, of whom 59.1% experienced some type of sexual harassment in the academic environment. The most repeated form of sexual harassment was the embarrassment by obscene words or deeds. Among the places that occurred the harassment, highlighted the events of the university, and the harassment was done, mainly, by students of other courses of the campus. In addition, the feelings that stood out the most against sexual harassment were fear and anxiety. As a coping strategy, the students mentioned that they used the dialogue with people who have been through the same situation. In view of the results, the need was identified for the institutions to be non-extendable, which should pay due attention to such silenced attitudes.

Keywords: Sexual harassment; Nursing Students; Institutions of Higher Education; Feminism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil socioeconômico das estudantes de Enfermagem do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (n=110).

Tabela 2 - Formas de assédio sexual sofrido por acadêmicas de Enfermagem (n=110).

Tabela 3 - Caracterização do assédio quanto ao local onde ocorreu e a figura do assediador. (n=110).

Tabela 4 - Consequências da prática do assédio sexual na vida das estudantes Enfermagem (n=110).

Tabela 5 - Sentimentos ou emoções das acadêmicas diante do assédio sexual e as estratégias e redes de apoio utilizadas (n=110).

SUMÉRIO

O ASSÉDIO SEXUAL ENTRE OS MUROS DA UNIVERSIDADE: INVESTIGANDO SITUAÇÕES VIVENCIADAS POR ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM	30
RESUMO	30
1 INTRODUÇÃO	30
2 METODOLOGIA	30
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
3.1 Perfil da estudante de Enfermagem do Centro de Educação e Saúde	30
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICE	
ANEXO	

O ASSÉDIO SEXUAL ENTRE OS MUROS DA UNIVERSIDADE: INVESTIGANDO SITUAÇÕES VIVENCIADAS POR ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM

Weslaine Thalita Silva Ramos¹; Alynne Mendonça Saraiva²

RESUMO

O assédio sexual é uma prática discriminatória e violenta que se ampara nas desigualdades entre os gêneros. No campo acadêmico, os casos são frequentes e a justificativa dessas situações é o fato de que ambientes, como a universidade, em que há uma estrutura de poder com diferentes níveis de dependência possuem maior probabilidade de promover e sustentar práticas de assédio sexual. Diante dessa conjuntura, este estudo tem como objetivo principal investigar os casos de assédio sexual vivenciados por acadêmicas de Enfermagem. Trata-se de uma pesquisa do tipo transversal e descritiva com uma abordagem quantitativa. O local da pesquisa foi o Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande. A pesquisa contou com 110 participantes, sendo que destas, 59,1% vivenciaram algum tipo de assédio sexual no ambiente acadêmico. A forma de assédio sexual que mais se repetiu foi o constrangimento por palavras ou atos obscenos. Entre os locais que ocorreram o assédio, se destacou os eventos da universidade, e o assédio foi feito, principalmente, por discentes de outros cursos do campus. Além disso, os sentimentos que mais se destacaram frente ao assédio sexual, foram o medo e a ansiedade. Como estratégia de enfrentamento as estudantes referiram que utilizaram o diálogo com pessoas que já passaram pela mesma situação. Diante dos resultados, identificou-se a necessidade imprescindível de intervenções por parte das instituições, que devem destinar a devida atenção sobre essas atitudes tão silenciadas.

Palavras-chave: Assédio sexual; Estudantes de Enfermagem; Instituições de Ensino Superior; Feminismo.

1 INTRODUÇÃO

O assédio sexual pode ser definido como um comportamento indesejado de cunho sexual que visa perturbar ou constranger a pessoa, favorecendo a constituição de um ambiente hostil, humilhante e desestabilizador. A sua prática é sustentada nas desigualdades entre os gêneros, onde as relações de poder entre homens e mulheres produziram ao longo do tempo uma hierarquização que se naturalizou nas mais diversas áreas e âmbitos da sociedade, levando o ser feminino sempre a uma condição de subalternidade e apoderando o homem a usar seus privilégios socialmente e culturalmente definidos para agir objetivando e

¹ Universidade Federal de Campina Grande, Instituto de Educação em Saúde, Departamento de Enfermagem, Rua 24 de Abril, 1708, Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: weslaine@uefs.ufcg.edu.br

² Universidade Federal de Campina Grande, Instituto de Educação em Saúde, Departamento de Enfermagem, Rua 24 de Abril, 1708, Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: alynne@uefs.ufcg.edu.br

subjugando as mulheres. Assim, embora o assédio sexual possa ocorrer em outros cenários, a grande parte dos casos, se caracteriza de homens contra mulheres (DIAS, 2008; COSTA; SILVEIRA; MADEIRA, 2012; BANDEIRA, 2014).

Para caracterizar o assédio, alguns elementos devem estar presentes, sendo eles: um agente e um destinatário, isto é, assediador e assediado, respectivamente; conduta de cunho sexual e rejeição a essa conduta (PAMPLONA FILHO, 2001). Além disso, existem três categorias de assédio sexual: coerção sexual, atenção sexual indesejada e assédio sexual por gênero. A coerção sexual ocorre quando avanços diretos são realizados contra a vontade da mulher, que é levada a ceder ou se manter em silêncio; atenção sexual indesejada corresponde a atitudes que criam um ambiente hostil e ameaçador e o assédio sexual por gênero acontece quando a mulher é tratada ou vista de forma distorcida e desigual com base no seu gênero (JOHNSON; WIDNALL; BENYA, 2018).

Podendo se manifestar sob a forma física, verbal e não verbal, o assédio sexual pode suceder-se tanto nas relações institucionalizadas e formalizadas como entre desconhecidos, em que não há obrigatoriamente a hierarquia explícita, mas que é conduzida pela hierarquização de gênero (TEIXEIRA; RAMPAZO, 2017; SANTOS, 2015). Os ambientes em que há uma estrutura de poder, com forte dependência dos que estão em níveis mais altos possuem maior probabilidade de promover e sustentar práticas de assédio sexual. Assim acontece no contexto acadêmico, onde o assédio é tratado de forma invisível, contudo, frequente (JOHNSON; WIDNALL; BENYA, 2018).

Como demonstra Clancy et al. (2014), o assédio sexual é comum na academia, sendo experimentado por 64% dos participantes de sua pesquisa. Outro estudo realizado, em 2015, pelo Instituto Avon e o Data Popular com objetivo de investigar a violência contra a mulher nas universidades, com 1.823 estudantes de graduação e pós-graduação de ambos os sexos, expôs que 56% das mulheres entrevistadas sofreram assédio sexual e 73% dos entrevistados de ambos os sexos afirmaram ter conhecimento de casos de assédio sexual.

Quando mulheres sofrem assédio sexual no ambiente de estudo, o rendimento acadêmico exibe declínio: desmotivação para assistir aulas, maior evasão escolar, menor atenção nas aulas, notas abaixo da média, troca de orientadores, mudança de curso, transferência para outra instituição de ensino ou até mesmo a desistência. Com isso, o sucesso profissional e educacional é prejudicado, além de impactar diretamente na saúde mental e física das mulheres (JOHNSON; WIDNALL; BENYA, 2018).

O silêncio das assediadas é extremamente preocupante, enaltecendo a inferioridade e comprovando a ideia de que esses comportamentos são naturais. Calar-se frente ao assédio

está relacionado com a dificuldade de provê-lo e o medo da culpa. A denúncia não é simples, considerando que exige que a assediada compreenda a situação, quebre com as relações de poder e passe pelo julgamento da sociedade (TEIXEIRA; RAMPAZO, 2017; SANTOS, 2015).

Em 2018 um grande passo para as punições do assédio sexual foi dado com a criação da Lei de Importunação Sexual, que penaliza aqueles que praticam ato libidinoso, sem anuência, com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou de outrem. Antes disso, o crime legítimo de assédio sexual era tratado de modo restrito ao ambiente de trabalho (BRASIL, 2018).

Cabe ainda destacar que a Enfermagem como profissão do cuidado, carrega consigo uma construção social na qual, em sua prática profissional envolve, na maioria das vezes, sensibilidade, carinho, afetuosidade, características essas consideradas femininas, tornando-se assim, uma profissão predominantemente feminina. Além disso, traz em seu contexto a produção de estereótipos, principalmente vinculado ao corpo feminino, traduzindo a figura profissional da enfermeira de forma erotizada e depreciativa, levando a referência como objeto sexual (COLPO; CAMARGO; MATTOS, 2006). Assim sendo, acredita-se que acadêmicas de enfermagem passem por um processo duplo de objetificação, por serem mulheres e estarem cursando Enfermagem.

Para Teixeira e Rampazo (2017) os estudos de análises e investigações que tratam especificamente dos episódios de assédios sexuais no âmbito acadêmico são silenciados do campo de pesquisa. Para tanto, a motivação dessa presente pesquisa diz respeito à urgência no avanço dos estudos relacionados a gênero e violência contra a mulher.

Diante do exposto, o objetivo geral desse estudo foi investigar situações de assédio sexual vivenciadas por acadêmicas de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), sendo os objetivos específicos: traçar o perfil das estudantes de Enfermagem do CES; caracterizar as manifestações de assédio sexual vivenciadas pelas acadêmicas; identificar as consequências da prática do assédio sexual na vida das estudantes e, por fim, averiguar as estratégias e redes de apoio utilizadas pelas discentes vítimas de assédio sexual.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa do tipo transversal e descritiva com uma abordagem quantitativa, sendo um recorte da pesquisa de Iniciação Científica

PIBIC/UFMG intitulada "Número 1: Investigando situações de assédio sexual vivenciadas por acadêmicas de Enfermagem", que teve como cenário os campus da Universidade Federal de Campina Grande que dispõem do curso de Bacharelado em Enfermagem, a saber: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Centro de Educação e Saúde (CES) e Centro de Formação de Professores (CFP), localizados em Campina Grande, Cuituí e Cajazeiras, respectivamente.

Este presente estudo, contudo, demonstra apenas os resultados obtidos no Centro de Educação e Saúde, localizado na cidade de Cuituí, Paraíba. A população do estudo são mulheres com matrícula ativa no curso de Bacharelado em Enfermagem, dispostas entre o primeiro ao oitavo período do curso. A inclusão dos dois últimos períodos do curso foi feita em virtude de que nestes períodos as discentes encontram-se distribuídas em diferentes campos de estudos, muitas vezes, em diferentes cidades.

Para calcular a amostra foi utilizada a fórmula exposta por Luiz e Magnanini (2000) baseando-se na premissa da representatividade, enquanto característica fundamental exigida para uma amostra confortável:

$$n = \frac{z_{\alpha/2}^2 NP(1-P)}{e^2(N-1) + z_{\alpha/2}^2 P(1-P)}$$

Onde: n = tamanho da amostra; N = tamanho da população (N = acadêmicas de enfermagem); P = prevalência estimada de vivências de situações de assédio sexual das estudantes (utilizando-se do valor P = 0,50 que maximiza o tamanho da amostra); z = valor obtido na curva de distribuição normal padronizada, sendo 1,96 para nível de 95% de confiança; e = erro máximo de estimativa amostral (e = 0,05 ou 5%).

Sabendo-se que o Centro de Educação e Saúde possui, no período da coleta, 154 mulheres cursando Enfermagem entre o primeiro e oitavo período, a amostra obtida através do cálculo exposto foi de 110 acadêmicas.

Os critérios de inclusão estabelecidos para as participantes da pesquisa foram: se considerar do gênero feminino; serem maiores de 18 anos; estarem com matrícula ativa nos cursos. Foram critérios de exclusão: estudantes que em licença saúde/ou maternidade; estudantes que por qualquer outro motivo não estavam frequentando o curso no momento da coleta de dados.

Para coleta de dados, o instrumento escolhido foi um questionário, contendo inicialmente marcadores sociais que possam caracterizar as estudantes, seguidos de questões de múltiplas escolhas relacionadas ao assédio sexual. A coleta foi desenvolvida nos meses de

dezembro de 2018, sendo realizada priorizando um ambiente adequado, preconizando o conforto, garantia do anonimato e privacidade. Para tal, algumas estratégias foram adotadas, tais como: pedido de saída dos colegas de sala do sexo masculino durante o preenchimento do questionário e instrumento depositado em um envelope pelas próprias participantes, de modo que a pesquisadora não entrasse em contato direto com o questionário logo após a coleta.

Cabe destacar que esta pesquisa obedeceu a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que determina as diretrizes e normas regulamentadora de pesquisas envolvendo seres humanos. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universidade Alcides Carneiro, sob parecer de número 3.035.95.

A participação das mulheres na pesquisa ocorreu mediante assinatura e concordância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) fornecido antes do questionário. O TCLE foi assinado em duas vias, ficando uma com a participante e outra com a pesquisadora. No ato do convite para participar da pesquisa, foram apresentados os objetivos do estudo e esclarecimentos de dúvidas relacionadas aos mesmos. O sigilo, o anonimato e a garantia da desistência em qualquer momento da pesquisa foram garantidos, assim como a voluntariedade da participação na pesquisa.

Os dados alcançados por meio do instrumento de coleta foram analisados através do software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 13.0 for Windows. Posteriormente, uma análise estatística foi desenvolvida almejando sintetizar os valores, permitindo a obtenção de uma visão global, além de organizar e descrever os dados por intermédio de tabelas, gráficos e medidas descritivas (MILONE, 2004). Por fim, os resultados obtidos foram interpretados, conforme a literatura vigente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Perfil da estudante de Enfermagem do Centro de Educação e Saúde

O Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro de Educação e Saúde (CES) conta com 202 discentes dispostos entre o primeiro e o oitavo período, sendo 154 do sexo feminino. Foram coletados no mês de dezembro de 2018, no referido centro, dados de 110 acadêmicas (70%), cuja maioria possui entre 18 a 20 anos (61%), ficando apenas 31% com idades entre 21 a 23 anos e 8% para maiores de 24 anos. Além da idade, outras variáveis foram pesquisadas para traçar o perfil das acadêmicas, sendo elas: cor, orientação sexual, estado

civil, religi²o, renda mensal do grupo familiar, incentivos de programas acad² micos, com quem moram e como se mant² m financeiramente. A tabela 1 demonstra os resultados obtidos (medida de frequ²ncia absoluta e frequ²ncia relativa) quanto ²s vari²veis expostas.

Tabela 1 - Perfil socioecon²mico das estudantes de Enfermagem do Centro de Educa²o e Sa²de da Universidade Federal de Campina Grande (n=110).

Vari ² vel	Categorias	Acad ² micas pesquisadas	
		f	%
Cor	Branca	45	40,9%
	Preta	6	5,5%
	Parda	54	49,1%
	Amarela	4	3,6%
	Ind ² gena	1	0,9%
	N ² o declarada	0	0,0%
Orienta ² o sexual	Heterossexual	104	94,5%
	Homossexual	2	1,8%
	Bissexual	4	3,6%
	N ² o soube responder	0	0,0%
Estado Civil	Solteira	105	95,5%
	Divorciada	1	0,9%
	Vi ² va	0	0,0%
	Casada	3	2,7%
	Uni ² o est ² vel	1	0,9%
Religi ² o	Cat ² olica	78	70,9%
	Protestante ou Evang ² lica	20	18,2%
	Esp ² rita	2	1,8%
	Umbanda ou Candombl ²	0	0,0%
	Outra	1	0,9%
	Sem religi ² o	9	8,2%
Renda mensal do grupo familiar	Menos de 01 sal ² rio m ² nimo	21	19,1%
	De 01 a 03 sal ² rios m ² ni mos	73	66,4%
	De 03 a 06 sal ² rios m ² ni mos	9	8,2%
	De 06 a 10 sal ² rios m ² ni mos	6	5,5%
	Mais de 10 sal ² rios m ² ni mos	1	0,9%
Incentivos de programas acad ² micos	Bolsa REUNI	17	15,5%
	Bolsa de monitoria	13	11,8%
	Bolsa de inicia ² o cient ² fica - PIBIC	3	2,7%
	Bolsa de projeto de extens ² o	3	2,7%
	Bolsa PROMISAES	0	0,0%
	Restaurante Universit ² io	5	4,5%
	N ² o recebe	68	61,8%
	Outros	1	0,9%
Com quem mora	Pai/m ² e/irm ² os (fam ² lia nuclear)	28	25,5%
	Av ² s/tios/primos (fam ² lia	4	3,6%

	extensa)		
	Colegas da universidade	39	35,5%
	Residência universitária	10	9,1%
	Mora sozinha	20	18,2%
	Com amigos que não são da universidade	0	0,0%
	Outros	9	8,1%
Como se mantém financeiramente (*)	Recebe apoio dos pais	94	75%
	Recebe apoio de outros familiares	8	6%
	Trabalha	7	6%
	Recebe algum incentivo da universidade	15	12%
	Herança	0	0%
	Outro	1	1%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

(*) Quesito com múltiplas respostas.

No que diz respeito a variável cor, pode-se observar na Tabela 1 que mais de 49% das acadêmicas de enfermagem se autodeclararam pardas. Vale salientar que em 2003, dados da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) mostraram que mais de 40% da população brasileira se declarava parda, contudo apenas 28,3% eram estudantes de instituições federais. Onze anos após, em 2014, houve uma importante mudança no perfil dos estudantes de universidades federais, pois mais de 45% dos brasileiros eram pardos e a população universitária era constituída por 37,75%.

Além da Lei de Cotas para o ingresso nas universidades e instituições federais, outro fator deve ser levado em consideração no que se refere a essa mudança no perfil dos estudantes universitários, de acordo com a ANDIFES (2016, p. 4), foi o amplo movimento de reinterpretção do processo de autodeclarção, com os estudantes mudando sua visção sobre sua cor ou raça de branca para preta ou parda.

No que se refere à variável orientação sexual, os resultados mostram que 94,5% das acadêmicas disseram ser heterossexuais. Quanto ao estado civil, 95,5% são solteiras, assemelhando-se a pesquisa de Ximenes Neto et al. (2017), na qual o universo de estudantes de enfermagem solteiros foi de 89,9%. Alguns autores como Donati, Alves e Camelo (2010) realizaram uma pesquisa com resultado equivalente e o associa ao fato de que a elevada carga horária do curso de Bacharelado, exige mais disponibilidade e, sendo assim, levantaram a hipótese de que o caso de estar solteira facilita o processo.

É importante destacar, ainda em relação ao estado civil das estudantes, que atualmente as mulheres têm priorizado a formação profissional, inserção no mercado de trabalho e

consequente independência financeira, adiando a ideia do casamento (LOPES; DELLAZZANA-ZANON; BOECKEL, 2014).

Com rela o ao quesito religião, 70,9% diz ter como prática religiosa o catolicismo, ficando à frente da religião protestante/evangélica (18,2%), espiritismo (1,8%) e da não religião (8,2%). Esses resultados são compatíveis com um padrão da popula o brasileira, revelado através de dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que revela que os crist es são maioria no Brasil, sendo que 64,6% são católicos.

Quanto à renda mensal do grupo familiar, uma expressiva quantidade de estudantes possui renda familiar de 01 a 03 salários mínimos (66,4%), corroborando com a pesquisa de Ximenes Neto et al. (2017) que mostrou que a maioria dos acad micos de enfermagem de uma universidade pública possui renda familiar de 01 (30,8%) e 02 (24,6%) salários mínimos. Os autores ainda enfatizam que tal renda não consegue atender as necessidades dos familiares e oferecer suporte às demandas e imposi es de um curso integral, podendo esse fato ser usado como justificativa, muitas vezes, para a abdi o da gradua o.

Dois terços dos estudantes universitários federais possuem renda familiar de 1,5 salário mínimo (ANDIFES, 2016). Para tanto, é importante destacar a importância dos incentivos de programas acad micos, que também foi um dado avaliado e foi possível constatar que 61,8% não recebe nenhum incentivo, sendo a Bolsa REUNI o incentivo mais presente, com resultado de 15,5%. Em seguida, aparece a Bolsa de Monitoria (11,8%), Restaurante Universitário (4,5%) e Bolsa de Inicia o Científica (2,7%). De modo geral, os incentivos de programas acad micos auxiliam no suporte da permanência dos estudantes, que na maioria dos casos recebe apenas apoio dos pais para se manterem financeiramente.

Quando questionadas com quem moram, 35,5% disseram compartilhar residência com colegas da universidade e apenas 9,1% desfrutam do recurso da moradia universitária. No quesito como se mant m financeiramente, a maioria recebe apoio dos pais (75%) e somente 6% consegue trabalhar para se manter. O trabalho para aqueles que estão na universidade em período integral   uma limita o devido aos desgastes físicos e psicológicos, além de não possuírem tempo satisfatório para o repouso. Com isso, a família é a principal responsável pelas despesas necessárias para a continuidade dos estudos (MORAES et al., 2011).

3.2 O assédio sexual vivenciado por acadêmicas de Enfermagem do Centro de Educa o e Saúde

O assédio sexual foi investigado a partir de questões que possibilitaram caracteriza-lo, além de identificar as consequências na vida das estudantes e averiguar as estratégias e redes

de apoio utilizadas pelas vítimas. Quando indagadas se sabiam o que é assédio sexual, 100% das participantes revelaram que sim e destas, 59,1% já vivenciaram uma situação de assédio sexual na universidade ou em algum local relacionado, como em campos de estágio, calouradas, eventos da universidade, entre outros. Além disso, 57,3% conhecem outras estudantes que já passaram por situações de assédio sexual na UFCG.

Contudo, apesar de todas as participantes afirmarem que sabem o que é assédio sexual, algumas entram em contradição ao responderem de maneira negativa quando questionadas se já vivenciaram alguma situação de assédio sexual na universidade ou local afirmam e, ao mesmo tempo, assinalarem que já receberam cantadas ou investidas insistentes mesmo após terem dito não, por exemplo. Essa situação deixa evidente a banalização das ações que se configuram como assédio sexual e pode justificar o fato de que muitas vezes tais atitudes sejam encobertas.

O resultado exposto nessa pesquisa sobre a vivência do assédio sexual no contexto acadêmico muito se assemelha a pesquisa de Sólida Folriani e Rampazo (2017) na qual todas as entrevistadas passaram por alguma situação de assédio sexual na graduação e fazendo jus a relação de gênero no assédio sexual todas situações tinham como assediador um homem.

Culturalmente, a masculinidade é designada e avaliada por violência, sexo, status e agressão. A masculinidade tóxica suprime sentimentos, encoraja a violência, perpetua o encorajamento de estupros, homofobia, misoginia e racismo (DE CASTRO, 2018).

O Instituto Avon e o Data Popular (2015), também trouxe uma tona um dado alarmante: 56% das mulheres já sofreram assédio sexual no ambiente acadêmico. É importante destacar que a universidade tem uma probabilidade maior de produzir e sustentar práticas de assédio sexual porque se trata de um ambiente em que existe uma estrutura de poder, com importante dependência dos que estão em níveis mais altos (JOHNSON; WIDNALL; BENY A, 2018).

Apesar de frequente, os casos de assédio sexual nas universidades e locais afins, não tomam a devida repercussão devido ao silêncio de quem sofre. Em uma entrevista ao Jornal Folha de São Paulo em 2018, a pesquisadora Mônica Barbosa divulgou as justificativas para tal fato, relatando que o medo das vítimas é a principal causa do silenciamento. Além disso, cita que as próprias instituições de ensino dificultam ainda mais a realização da denúncia, pois não possuem preparo e não conseguem abraçar alguém que esteja disposto a contar a sua situação. Os próprios docentes também têm sua parcela de culpa, pois, de modo geral, não acreditam que alguém do seu campo de trabalho possa assediar as estudantes e acabam por vender os olhos diante do problema.

O assédio sexual pode se manifestar de diversos modos: gestos, chantagens, ameaças, cantadas, piadas e insinuações, por exemplo. Diante disso, esse estudo buscou identificar como eram as formas de assédio manifestadas no ambiente universitário através de questões cujas respostas foram afirmativas ou negativas.

Tabela 2 - Formas de assédio sexual sofrido por acadêmicas de Enfermagem (n=110).

Variável	Categorias	Acadêmicas pesquisadas	
		f	%
Recebeu cantadas ou investidas insistentes mesmo após ter dito não	Sim	66	60%
	Não	44	40%
Sentiu-se constrangida por palavras ou atos obscenos dirigidos a sua pessoa	Sim	74	67,3%
	Não	36	32,7%
Recebeu fotos ou mensagens de conteúdos pornográficos sem ter requisitado	Sim	62	56,4%
	Não	48	43,6%
Sentiu-se ameaçada, humilhada, ofendida, constrangida ou violentada	Sim	46	41,8%
	Não	64	58,2%
Recebeu algum convite inapropriado de cunho sexual	Sim	35	31,8%
	Não	75	68,2%
Prometeram algo em troca de favores sexuais	Sim	11	10%
	Não	99	90%
Tocaram em alguma parte do corpo mesmo sem ser consentido	Sim	52	47,3%
	Não	58	52,7%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

As cantadas invasivas são comuns, colocam as mulheres como objeto passivo do homem e causam grandes constrangimentos a quem são dirigidas, além de ferir o direito constitucional de ir e vir das mulheres quando deixam de circular por medo de tal fato. Quando perguntadas se já receberam cantadas ou investidas insistentes mesmo após terem dito não, 60% responderam de modo afirmativo. Uma campanha chamada não é não! foi criada no carnaval de 2018 por mulheres com intuito de se posicionarem contra o assédio sexual e ressaltarem que possuem o direito de ter o seu não respeitado, já que o desrespeito à negativa feminina faz muitas vítimas diárias (ISTOÉ, 2018).

Os dados revelaram, ainda, que 67,3% já se sentiram constrangidas por palavras ou atos obscenos dirigidos a sua pessoa. Uma pesquisa idealizada pela Jornalista Karin Hueck como parte de uma campanha intitulada `Chega de Fiu Fiu_ apontou que 83% das mulheres não gostam de receber cantadas e que 68% já foram afrontadas por se mostrarem negativas diante de uma (THINK OLGA, 2013).

Em relação a receber fotos ou mensagens de conteúdos pornográficos sem ter requisitado, 56,4% alegam já terem recebido e esse fato pode ser oriundo da objetificação sexual, que consiste em subjugar a mulher, tratá-la como objeto de prazer sexual. Esse processo acaba por proporcionar o desrespeito a mulher, além de gerar uma importante intimidação (HELDMAN, 2012).

No estudo do Instituto Avon e Data Popular (2015), 28% das alunas de graduação se sentiram ofendidas/xingadas e 25% disseram que já se sentiram intimadas ou humilhadas na universidade. Esse resultado comprova que tais sentimentos são comuns no ambiente acadêmico, pois o resultado do questionamento `sentiu-se ameaçada, humilhada, ofendida, constrangida ou violentada_ foi de 41,8%. Entretanto, cabe aqui destacar que esse dado pode ter influência da naturalização do assédio a mulheres, tendo em vista que a maioria se sente envergonhada, mas não conseguem compreender e pesar a situação, reconhecendo que a importunação sexual é uma humilhante e ofensiva.

Quanto aos quesitos recebeu algum convite inapropriado de cunho sexual, prometeram algo em troca em favores sexuais e tocaram em alguma parte do corpo mesmo sem ser consentido, os resultados foram 31,9%, 10%, 47,3%, respectivamente. Esses dados enaltecem o quanto a hierarquia de gênero ainda é impregnada na sociedade, levando a mulher a uma condição de subalternidade e serem vistas como objeto sexual, de poder do homem (HELDMAN, 2012).

A pesquisa de S@ Folriani e Rampazo (2017, p. 28) corrobora com os dados apresentados sobre promessas em troca de favores sexuais e traz um relato de uma aluna assediada por um professor: `eu perdi a prova do 1º bimestre, então ele se aproximou de mim com essa desculpa e tentou fazer com que eu fizesse alguma coisa com ele para eu conseguir fazer a prova_. Nessas circunstâncias, percebe-se como é dada a relação de poder dentro da universidade, tanto na formalizada, como na hierarquia de gênero, na qual a mulher fica em condição de subalternidade em relação ao homem.

Visando compreender como o assédio sexual se configurava dentro do ambiente acadêmico, foi questionado as participantes sobre o local onde ocorreu o assédio e quem foi o assediador. Os resultados estão expostos na tabela 3.

Tabela 3 - Caracterização do assédio quanto ao local onde ocorreu e a figura do assediador. (n=110).

Variável	Categorias	Acadêmicas pesquisadas	
		f	%
Em que espaço da universidade ou local relacionado ocorreu o assédio (*)	Sala de aula	3	4,0%
	Biblioteca	1	1,3%
	Restaurante/Lanchonete	4	5,4%
	Eventos na universidade	29	39,2%
	Durante os estudos	7	9,5%
	Laboratórios	0	0,0%
	Calouradas	8	6,8%
	Não quis responder	14	18,9%
	Outros	11	14,9%
	Quem foi o assediador (*)	Professor	10
Colegas de sala		12	13,5%
Monitores		4	4,5%
Técnicos administrativos		4	4,5%
Terceirizados		11	12,4%
Alunos de outros cursos do CES		14	15,7%
Não quis responder		18	20,2%
Outros		16	18,0%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

(*) Quesito com múltiplas respostas.

No que tange a caracterização dos casos de assédio sexual experienciados por acadêmicas de enfermagem, os espaços em que ocorreram foram os mais variados, dentro e fora dos muros da universidade, mas sempre em locais relacionados. A maioria ocorreu em meio aos eventos da própria universidade (39,2%). Além disso, 6,8% foram nas "calouradas", que se tratam de festas organizadas pelos próprios universitários, fora do território delimitado da instituição. Teixeira e Rampazo (2017) mostram no seu estudo relatos de mulheres assediadas no ambiente acadêmico. Uma delas diz que estava em um congresso que distribuía bebidas alcoólicas num sistema all inclusive do hotel, assim como em calouradas em que há consumo alcoólico, e destaca que as bebidas podem funcionar como manobra para praticar atos negativos, como o assédio sexual, já que podem justificar o efeito da bebida sobre as práticas.

Outro fato que vale destinar atenção é o assédio que ocorre durante os estudos (9,5%), já que de acordo com as falas de Colpo, Camargo e Matos (2006), a Enfermagem por ser uma profissão ainda vista como feminina, carrega consigo muitos estereótipos vinculados ao corpo e a erotização da imagem. Sendo assim, a figura dessa profissão, por vezes, é tratada de modo erotizado e depreciativo.

Quando a questão foi sobre quem foi o assediador, um fato instigou atenção: 20,2% das meninas que disseram já terem sofrido assédio optaram por deixarem em branco o campo destinado a resposta desse questionamento. As justificativas para essa atitude pode ser o medo de sofrerem represália, de serem perseguidas pelos professores e terem suas carreiras prejudicadas. Isso implica dizer que o ambiente universitário é permeado pelo medo, pela opressão (SE; FOLRIANI; RAMPAZO, 2017).

Pode-se observar que as práticas de assédio sexual nem sempre são apoiadas por uma relação de poder explícito, isto é, nem sempre o assediador está em um nível hierárquico maior que a assediada, como observado que 15,7% responderam que os assediadores são discentes de outros cursos. Isso sustenta o fato de que a hierarquia de gênero é presente na sociedade e ainda responsável pelo grande número de ocorrências de assédio sexual (JOHNSON; WIDNALL; BENYA, 2018).

O assédio sexual pode trazer grandes consequências negativas ao bem-estar e para a vida acadêmica da assediada. Diante disso, o questionário trouxe questões buscando entender as possíveis consequências da prática do assédio sexual para as participantes da pesquisa.

Tabela 4 - Consequências da prática do assédio sexual na vida das estudantes Enfermagem (n=110).

Variável	Categorias	Acadêmicas pesquisadas	
		f	%
Sentiu medo de ser assediada no ambiente universitário	Sim	67	60,9%
	Não	43	39,1%
Deixou de fazer alguma atividade na universidade por medo do assédio	Sim	14	12,7%
	Não	94	85,5%
	Não respondeu	2	1,8%
Trocou de roupa antes de ir para a universidade por medo do assédio	Sim	37	33,6%
	Não	70	63,6%
	Não respondeu	3	2,7%
Deixou ou evitou ir a algum local dentro da universidade com receio do assédio	Sim	9	8,2%
	Não	100	90,9%
	Não respondeu	1	0,9%
Deixou de tentar seleção para algum projeto, ou fazer qualquer outra atividade, por receio de ser assediada	Sim	0	0,0%
	Não	110	100%
Quis desistir do curso por algo relacionado ao assédio	Sim	4	3,6%
	Não	106	96,4%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O resultado sobre o medo de ser assediada no ambiente acadêmico foi de 60,9%, se assemelhando a um dado brasileiro, onde 53% das jovens vivem com o medo diário do assédio sexual (ACTIONAID, 2019).

Ainda em relação ao medo do assédio na universidade, outro estudo comprova através das falas das participantes que disseram temer que algo pudesse acontecer com elas, enquanto outras disseram não ter medo porque se protegem, não andando sozinha. Inclusive, os autores lançam a seguinte reflexão: `deveria mesmo a mulher ter que se proteger? Ou mudar hábitos corriqueiros para não ser culpabilizada por uma ação que independe dela?` (SE; FOLRIANI; RAMPAZO, 2017).

Quando perguntadas se já deixaram de fazer alguma atividade na universidade por medo de assédio, 12,7% das mulheres disseram que sim. O relatório de Johnson, Widnall e Benya (2018) afirma que se as mulheres sentem que o ambiente acadêmico é hostil em relação a elas, elas podem não participar de atividades.

No questionamento sobre a troca de roupa antes de irem para a universidade por medo do assédio, o resultado foi de 33,6% corroborando com a pesquisa de S@ Folriani, Rampazo (2017), na qual uma participante declarou trocar de roupa antes de ir para a universidade para não ocasionar `falatórios` e outra afirmou que deixou de vir com certas roupas por medo de ser assediada por um professor. Dados de outro estudo não foram diferentes: 90% das entrevistadas já trocaram as suas vestimentas antes de sair por medo do assédio (THINK OLGA, 2013).

O questionamento deixou ou evitou ir a algum local dentro da universidade por medo do assédio sexual teve como resultado 8,2% e, apesar de nenhuma mulher ter deixado de tentar seletivo ou fazer qualquer outra atividade por receio do assédio, 3,6% já pensaram em desistir do curso por questões relacionadas ao assédio sexual. Esse dado, que para alguns pode ser pequeno, é algo assustador e demonstra a potência negativa dessas práticas sobre a trajetória das mulheres na graduação.

Em relação aos sentimentos das estudantes diante do assédio, os que mais prevaleceram foram o medo e a ansiedade (29,3%), 21% declararam que após a situação ficaram mais calada e retraída e a impotência (18,0%). Além disso, 6,8% se sentiram culpadas pelo assédio, cabendo destacar que a culpabilização é um dos principais empecilhos para a realização das denúncias. Esse processo de transferência de culpa é reflexo de uma cultura machista e opressora, que culpa a mulher, enquanto premia o assediador por estar desenvolvendo sua masculinidade (TEIXEIRA; RAMPAZO, 2017).

Tabela 5 - Sentimentos ou emoções das acadêmicas diante do assédio sexual e as estratégias e redes de apoio utilizadas (n=110).

Variável	Categorias	Acadêmicas pesquisadas	
		f	%
Quais sentimentos e emoções sentiu após ter vivenciado o assédio sexual (*)	Sentiu-se com medo ou ansiedade	39	29,3%
	Sentiu-se culpada	9	6,8%
	Ficou sem vontade de ir para a universidade	2	1,5%
	Sentiu-se impotente	24	18,0%
	Mudou sua maneira de agir com os outros	9	6,8%
	Ficou mais calada e retraída	21	15,8%
	Sentiu-se triste e chorosa	13	9,8%
	Outros	16	12,0%
O que ajudou a enfrentar o assédio sexual (*)	Denunciar	3	3,5%
	Participar de grupos com outras mulheres	9	10,1%
	Ir à missa, cultos, sessões religiosas	12	13,5%
	Conversar com outras pessoas que passaram pela mesma situação	33	37,1%
	Utilizar medicina	2	2,2%
	Fazer terapia psicológica	1	1,1%
	Formar um grupo de mulheres	1	1,1%
	Tentar pesquisar sobre o tema e lutar para que ele seja mais abordado na universidade	14	15,7%
	Fazer terapia holística	1	1,1%
	Outros	13	14,6%
	O que fez quando passou por alguma situação de assédio sexual (*)	Denuncia	15
Conta aos pais		19	17,0%
Conversa com as amigas		53	47,3%
Conversa com uma professora		0	0,0%
Conversa com alguém da sua igreja ou religião		1	0,9%
Prefere ficar calada		24	21,4%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

(*) Quesito com múltiplas respostas.

No quesito o que ajudou a enfrentar o assédio sexual o ato de conversar com outras pessoas que passaram pela mesma situação foi a categoria que mais se manifestou (37,1%), assim como a pesquisa sobre o tema e posterior luta para que o tema seja mais abordado na universidade (15,7%). Tais repercussões são positivas, tendo em vista que a pesquisadora

Márcia Barbosa deixou claro em sua pesquisa a Folha de São Paulo (2018) que o assunto só vai conseguir avançar nas discussões dentro da universidade quando as mulheres se unirem.

Diante disso, os coletivos feministas se mostram relevantes, por se tratarem de grupos de mulheres que buscam empoderar outras, desenvolver autonomia e oferecer um espaço para diálogos e reflexões, podendo virar até um espaço de terapia para algumas. Nessa circunstância, 71,8% das acadêmicas de enfermagem do CES consideram que os grupos e coletivos feministas podem ajudar a enfrentar o assédio sexual.

Nesse cenário, cabe destacar o Coletivo Margaridas que é um grupo auto organizado de mulheres, criado no CES, colocando o empoderamento feminino e sororidade em pauta. Os encontros quinzenais ocorrem no próprio campus em locais e horários pré-estabelecidos e com temas escolhidos previamente por sugestão das participantes das reuniões.

No que concerne ao questionamento sobre o que fizeram quando passaram por uma situação de assédio sexual, 47,3% disseram que conversam com amigas, ficando o silêncio (21,4%) acima da opção da denúncia (13,4%). O fato da denúncia não ser uma estratégia muito utilizada diante das ocorrências, se deve não apenas pelo fato de serem tratadas como "normais" os casos de assédio ou ainda a dificuldade de prová-lo, mas porque a assediada quando decide denunciar, tem que quebrar com as relações de poder historicamente construídas e passar pelo julgamento da sociedade (TEIXEIRA; RAMPAZO, 2017).

Cabe destacar que em 2018, um importante avanço para as punições do assédio sexual foi dado através da alteração na Constituição Brasileira com a inclusão de uma nova lei de Importunação Sexual que é descrito como "praticar contra alguém e sem anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou de outrem". Antes dessa mudança, a única forma de crime legítimo de assédio sexual era quando ocorria nas relações de trabalho, com hierarquia explícita (BRASIL, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assédio sexual no ambiente acadêmico é frequente, como demonstrou os resultados desta pesquisa. As intervenções são improporcionais, devendo as instituições de ensino superior compreender e destinar a devida atenção para essas atitudes que são tão silenciadas, promovendo, assim, a confiança desejada e necessária para que as vítimas de assédio sexual consigam quebrar o silêncio e realizar as denúncias.

As limitações da pesquisa estão relacionadas à naturalização do assédio sexual que acaba por influenciar no reconhecimento do assédio e consequente resposta aos

questionamentos deste estudo. Destaca-se, também, como limites do estudo, o silenciamento e a insegurança das participantes em responder as perguntas do questionário, sendo assim um importante entrave para uma caracterização mais esmiuçada.

A busca por elevar as reflexões e os debates no campo acadêmico acerca desse tema impulsionou o desenvolvimento deste estudo. A universidade deve ser vista não apenas como um espaço de produção e reprodução de conhecimento, mas de produção de subjetividades, de autonomia e de transformações.

Cabe salientar que os estudos sobre assédio sexual no contexto acadêmico são escassos do campo de pesquisa. Nesse sentido, urge a necessidade de avanços nas pesquisas sobre tal temática.

REFERÊNCIAS

ACTIONAID - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE COMBATE À POBREZA. 53% das adolescentes e jovens brasileiras convivem com medo diário do assédio, mostra pesquisa da ActionAid. 2019. Disponível em <http://actionaid.org.br/na_midia/pesquisa-assedio/>. Acesso em 15 fev. 2019.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR - ANDIFES. IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE). Uberlândia, 2016. Disponível em <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduandos-das-IFES_2014.pdf>. Acesso em 11 fev. 2019.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. Sociedade e estado, Brasília, v.29, n.2, p.449-469. Ago 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008>. Acesso em 25 abr 2018.

BRASIL. Lei nº 10.224, de 15 de maio de 2001. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de setembro de 1940 - Código penal, para dispor sobre o crime de assédio sexual e de outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 maio 2001. Disponível em

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10224.htm#art216a>. Acesso em 25 abr 2018.

BRASIL. [Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018](#). Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Diário Oficial da União, Brasília, 24 de setembro de 2018. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2018/Lei/L13718.htm>. Acesso em 14 de fev. 2019

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Subsecretaria de Assuntos Administrativos. Assédio: violência e sofrimento no ambiente de trabalho : assédio sexual. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2009. Disponível em <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia_sofrimento_trabalho_assedio_sexual.pdf>. Acesso em 26 abr 2018.

BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria geral da República. Saiba como identificar e combater o assédio, moral, sexual e a discriminação no trabalho. 2015. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/saiba-como-identificar-e-combater-o-assedio-moral-sexual-e-a-discriminacao-no-trabalho>> Acesso em 01 de maio de 2018.

BRASIL. Senado Federal. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em 26 abr 2018.

CLANCY, K. B. H., NELSON, R. G., RUTHERFORD, J. N., & HINDE, K. Survey of academic field experience (SAFE): trainees report harassment and assault. Plos One, 9(7), 1-9. 2014. Disponível em <<http://journals.plos.org/plosone/article/authors?id=10.1371/journal.pone.0102172>>. Acesso em 02 mai 2018.

COLPO, J.C.; CAMARGO, V.C.; MATTOS, S.A. A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia: um assédio a profissão. Cogitare Enferm. v.11, n.1, 2006, p. 67-72.

COMISSÃO PARA A IGUALDADE NO TRABALHO E NO EMPREGO. Assédio Sexual e Moral no Local de Trabalho. 2016. Disponível em <http://cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/Assedio_Sexual_Moral_Local_Trabalho.pdf>. Acesso em 25 abr 2018.

COSTA, R.; MADEIRA, M.; SILVEIRA, C.. RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina. 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, Brasil, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/56>>. Acesso em: 26 Abr. 2018.

DE CASTRO, Susana. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, [S.l.], n. 20, dez. 2018. ISSN 2359-246X. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/4552>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

DIAS, Isabel. Violência contra as mulheres no trabalho: O caso do assédio sexual. Sociologia, Problemas e Práticas, Oeiras, n.57, p.11-23, maio 2008. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292008000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 mai 2018.

DONATI, Luana; ALVES, Marcele Josué; CAMELO, Silvia Helena Henriques. O Perfil do Estudante Ingressante no Curso de Graduação em Enfermagem de uma Faculdade Privada. Revista de Enfermagem, v. 16, n. 3, pag 446-450, 2010. Disponível em <<http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a19.pdf>>. Acesso em 12 fev. 2019.

FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. Pro-Posições, v. 18, n. 2 (53), p. 77-87, maio/ago. 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. 'Assédio sexual é algo frequente dentro das universidades do país', diz pesquisadora. 2018. Disponível em <https://ww2.icb.usp.br/icb/wp-content/uploads/2018/07/Assedio_sexual_Folha.pdf?x89681>. Acesso em 15 fev. 2019.

GARCIA, Diego Felipe Muniz; SILVA JUNIOR, Jonas Alves. Assédio, abuso e violência sexual contra a mulher nas universidades: quem é o verdadeiro culpado? [S.l.: s.n.], 2016. Disponível em <http://www.lapeade.educacao.ufrj.br/files/Eixo%204_Diversidade%20Sexual%20e%20G%C3%A9nero_pag%2045.pdf>. Acesso em 25 abr 2018.

HELDMAN, Caroline. Sexual Objectification. Part 1: What is it? 2012. Disponível em <<https://drcarolineheldman.com/2012/07/02/sexual-objectification-part-1-what-is-it/>> Acesso em 14 fev. 2019.

INSTITUTO AVON; DATA POPULAR. Violência contra a mulher no ambiente universitário. 2015. Disponível em <http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon_V9_FINAL_Bx20151.pdf>. Acesso em 02 mai 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo demográfico 2010. 2010. Disponível em <<https://www2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em 13 fev. 2019.

JOHNSON, Paula A; WIDNALL, Sheila E; BENYA, Frazier F; National Academies of Sciences Engineering, and Medicine. 2018. Washington. The National Academies Press. Disponível em <<https://www.nap.edu/read/24994/chapter/1>>. Acesso em 21 de set de 2018.

ISTOÉ. Não é não: brasileiras em campanha contra assédio no Carnaval. 2018. Disponível em <<https://istoe.com.br/nao-e-nao-brasileiras-em-campanha-contra-assedio-no-carnaval/>>. Acesso em 23 fev. 2019.

LOPES, Manuela Nunes; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato; BOECKEL, Mariana Gonçalves. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 917-928, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2014000400018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 fev. 2019.

LUIZ, R. R.; MAGNANINI, M. M. F. A lógica da determinação do tamanho da amostra em investigações epidemiológicas. Cad. Saúde Coletiva, v. 8, n. 2, p. 9-28, 2000.

MILONE, Giuseppe. Estatística Geral e Aplicada. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MORAES, Carlos Antonio de Souza et al. O estudante do ensino superior: identificando categorias de análise. Vértices. Campos dos Goytacazes, v. 13, n. 3, p. 205-218, set./dez. 2011. Disponível em

<<http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20110034>>.

Acesso em 13 fev. 2019.

PAMPLONA FILHO, Rodolfo. Assédio sexual: questões conceituais. Revista de Direito do Trabalho. v. 27, n. 103, p.182-199. Jul/set 2001. Disponível em <<http://bdjur.stj.jus.br/jspui/handle/2011/103338>>. Acesso em 25 abr 2018.

SANTOS, Maria da Conceição. Corpos em Trânsito: casos de assédio sexual nos transportes coletivos de Aracaju. IV Seminário Enlaçando Sexualidades: moralidades, famílias e fecundidade. Salvador. 2015. Disponível em <http://files.geisext.webnode.pt/200000290-6ae6a6bcf4/linguagem_cultura_e_identidade.pdf>. Acesso em 02 mai 2018.

SANTOS, Simone Alves. Assédio sexual nos espaços públicos: reflexões históricas e feministas. História, Histórias, Brasília, v. 3, n. 6, p.27-41, jun. 2015. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/13344>>. Acesso em 25 abr 2018.

TEIXEIRA, Juliana Cristina; RAMPAZO, Adriana da Silva Vinholi. Assédio sexual no contexto acadêmico da administração: o que os líderes não dizem, o coração não sente? Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, 4(11), 1151-1235. 2015. Disponível em <<http://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/4586/2144>>. Acesso em 02 mai 2018

THINK-OLGA. Chega de FIU FIU: Resultado da Pesquisa. 2013. Disponível em <<https://olga-project.herokuapp.com/2013/09/09/chega-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa/>>.

Acesso em 14 de fev. 2019.

XIMENES NETO, Francisco Rosemiro Guimarães et al. Perfil Sociodemográfico dos Estudantes de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Enfermagem em Foco, v. 8, n. 3, nov. 2017. ISSN 2357-707X. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1532>> . Acesso em: 11 fev. 2019.

APNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Idade: _____ Período do curso ao qual está vinculada: _____

<p>1. Você se considera:</p> <p>(1) Branca (2) Preta (3) Parda (4) Amarela (5) Indígena (6) Não declarada</p>	<p>2. Sua orientação afetivo/sexual:</p> <p>(1) Heterossexual (2) Homossexual (3) Bissexual (99) Não sabe responder</p>
<p>3. Estado Civil:</p> <p>(1) Solteira (2) Divorciada (3) Viúva (4) Casada (5) União estável</p>	<p>4. Qual a sua religião?</p> <p>(1) Católica (2) Protestante ou Evangélica (3) Espírita (4) Umbanda ou Candomblé (5) Outra (6) Sem religião</p>
<p>5. Qual a renda mensal do seu grupo familiar? (soma do rendimento de todos que contribuem com a renda)</p> <p>(1) Menos de 1 Salário Mínimo (2) De 01 a 03 Sal. Mínimos (3) De 03 a 06 Sal. Mínimos (4) De 06 a 10 Sal. Mínimos (5) Mais de 10 Sal. Mínimos</p>	<p>6. Você recebe algum desses incentivos:</p> <p>(1) bolsa REUNI (2) bolsa de monitoria (3) bolsa de iniciação científica PIBIC (4) bolsa de projeto de extensão (5) bolsa PROMISA ES (6) Não recebe (7) Outras Qual: _____</p>
<p>7. Com quem você mora?</p> <p>(1) pai/ mãe/ irmãos (família nuclear) (2) avós/tios/primos (família extensa) (3) colegas da universidade (4) residência universitária (5) mora sozinha (6) com amigos que não são da universidade (7) outros: _____</p>	<p>8. Para se manter financeiramente, você:</p> <p>(1) recebe apoio dos pais (2) recebe apoio de outros familiares (3) trabalha (4) recebe algum incentivo da universidade (5) herança (6) outro _____</p>
<p>9. Você já vivenciou alguma situação de assédio sexual na universidade, ou em algum local relacionado (UBS, hospitais, escolas, calouradas...)?</p> <p>(1) sim (2) não (99) não sabe responder</p>	<p>10. Você sabe o que é assédio sexual?</p> <p>(1) sim (2) não</p>
<p>11. Você já recebeu cantadas ou investidas insistentemente, mesmo após ter dito não, dentro da universidade ou em algum local relacionado (UBS, hospitais, escolas, calouradas...)?</p> <p>(1) sim</p>	<p>12. Você já se sentiu constrangida por palavras ou atos obscenos dirigidos a sua pessoa, dentro da universidade ou em algum local relacionado (UBS, hospitais, escolas, calouradas...)?</p> <p>(1) sim</p>

(2) n ^o	(2) n ^o
13. Alguma vez voc, j@recebeu fotos ou mensagens de conte@do pornogr@fico, sem ter requisitado? (1) sim (2) n ^o	14. Voc, j@se sentiu amea´ada, humilhada, ofendida, constrangida ou violentada dentro da universidade ou em algum local relacionado (UBS, hospitais, escolas, calouradas...)? (1) sim (2) n ^o
15. Voc, j@recebeu algum convite inapropriado de cunho sexual dentro da universidade ou em algum local relacionado (UBS, hospitais, escolas, calouradas...)? (1) sim (2) n ^o	16. Algu@m j@prometeu algo a voc, em troca de favores sexuais dentro da universidade ou em algum local relacionado (UBS, hospitais, escolas, calouradas...)? (1) Sim (2) N ^o
17. J @tocaram em alguma parte do seu corpo, mesmo sem voc, querer? (1) sim (2) n ^o	18. Voc, j@sentiu medo de ser assediada no ambiente universit@io? (1) Sim (2) N ^o
19. Em que espa´o da universidade ocorreu o ass@dio? (1) Na sala de aula (2) Na biblioteca (3) No restaurante/lanchonete (4) Em eventos na universidade (5) Durante os est@gios (6) Nos laborat@rios (7) Outros: _____	20. J @deixou de fazer alguma atividade na universidade por medo de sofrer ass@dio sexual? (1) Sim (2) N ^o
21. Voc, j@trocou de roupa antes de ir para a universidade por medo de ser assediada? (1) Sim (2) N ^o	22. Se alguma das situa´pes anteriormente descritas aconteceu com voc, , quem foi o assediador? (1) professor (2) colegas de sala (3) colegas (monitores) (4) t@cnicos-administrativos (5) terceirizados (6) Outro: _____
23. Voc, j@deixou ou evitou ir a algum local dentro da universidade, com receio de ser assediada? (1) sim. Que local? _____ (2)n ^o	24. Voc, j@deixou de tentar sele´o para algum projeto, ou fazer qualquer outra atividade, por receio de ser assediada? (1) Sim. O que? _____ (2) N ^o
25. Voc, j@quis desistir do curso por algo relacionado ao ass@dio? (1) sim	26. Que tipo de sentimentos ou emo´pes voc, sente ou j@sentiu ap@s ter vivenciado o ass@dio?

<p>(2) não</p>	<p>(1) senti u-se com medo ou ansiedade (2) senti u-se culpada (3) ficou sem vontade de ir para a universidade (4) senti u-se impotente (5) mudou sua maneira de agir com os outros (6) ficou mais calada e retraída (7) senti u-se triste e chorosa (8) outros: _____</p>
<p>27. O que você acha que te ajudou a enfrentar o assédio sexual?</p> <p>(1) denunciar (2) participar de grupos com outras mulheres (3) ir à missa, cultos, sessões religiosas (4) conversar com outras pessoas que passaram pela mesma situação (5) utilizar medicina (6) fazer terapia psicológica (7) formar um grupo de mulheres (8) tentar pesquisar sobre o tema e lutar para que ele seja mais abordado na universidade (9) fazer alguma terapia holística (10) outros: _____</p>	<p>28. Quando ocorreu ou ocorre alguma situação de assédio, o que você faz?</p> <p>(1) denuncia (2) conta aos pais (3) conversa com as amigas (4) conversa com alguma professora (5) conversa com alguém da sua igreja ou religioso. (6) prefere ficar calada. (7) outros: _____</p>
<p>29. Em sua opinião os grupos e coletivos feministas podem te ajudar a enfrentar o assédio?</p> <p>(1) sim (2) não (99) Não sabe responder</p>	<p>30. Você acredita que a denúncia pode ajudar a outras estudantes a não passar pela situação de assédio sexual?</p> <p>(1) sim (2) não</p>
<p>31. Você conhece outras estudantes que também já vivenciaram situações de assédio na UFCG?</p> <p>(1) sim (2) não.</p>	<p>32. Quando você sabe que uma estudante foi assediada na mesma universidade que você estuda, sua reação é:</p> <p>(1) incentivá-la a denunciar (2) incentivá-la a ficar calada (3) procura ajudá-la de alguma forma, mesmo que ela não denuncie. (4) oferece alguma medicina para que ela se tranquilize (5) diz que é normal e que vai passar. (6) tenta se organizar com ela para encontrar outras mulheres que também passaram pela mesma situação.</p>

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: “NÃO, É NÃO!”: INVESTIGANDO SITUAÇÕES DE ASSÉDIO SEXUAL VIVENCIADAS POR ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM.

Pesquisador: Alynne Mendonça Saraiva

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 94204218.0.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.035.950

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa quantitativa que visa investigar casos de assédio sexual vivenciados por estudantes de enfermagem. O estudo ocorrerá junto as acadêmicas dos Cursos de Bacharelado da Universidade Federal de Campina Grande (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Centro de Educação e Saúde (CES) e Centro de Formação de Professores (CFP), localizados em Campina Grande, Cuitê e Cajazeiras, respectivamente). Para a coleta de dados será utilizado um questionário autoaplicável e os dados serão analisados através do software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), por meio de uma análise estatística. Acredita-se que os resultados possam contribuir para a criação de ações de combate a violência contra a mulher.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Investigar situações de assédio sexual vivenciadas por acadêmicas de enfermagem da UFCG.

Objetivo Secundário:

- Traçar o perfil das estudantes de enfermagem vítimas de assédio sexual;
- Caracterizar as manifestações de assédio sexual vivenciadas pelas acadêmicas de enfermagem;
- Identificar as consequências da prática do assédio sexual na vida das estudantes;
- Averiguar as estratégias e redes de apoio utilizadas pelas discentes vítimas de assédio sexual.

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n		CEP: 58.107-670
Bairro: São José		
UF: PB	Município: CAMPINA GRANDE	
Telefone: (83)2101-5545	Fax: (83)2101-5523	E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE



Ativa

Continuação do Parecer: 3.035.950

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

- Como toda pesquisa que envolve seres humanos possui riscos, acreditamos que pelo fato do assédio sexual ainda gerar medo em grande parte das mulheres, algumas das participantes possam não se sentir a vontade com os questionamentos. Porém os pesquisadores desse estudo, garantem o anonimato de cada participante, bem como o direito de interromper a pesquisa sem ônus algum.

Benefícios:

- Espera-se que essa pesquisa possa relevar características de como o assédio sexual vem sendo praticado dentro da instituição de ensino e que meios de enfrentamento estão sendo utilizados

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto apresenta relevância científica e social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresentou a seguinte documentação:

- Termo de Anuência Institucional do diretor do CCBS (setembro à outubro de 2018);
- Termo de Anuência Institucional do diretor do CES (setembro à outubro de 2018);
- Termo de Anuência Institucional do diretor do CPF (setembro à outubro de 2018);
- Declaração de Compromisso do responsável pelo projeto;
- Folha de Rosto para pesquisa envolvendo seres humanos;
- TCLE;
- Projeto Completo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existe inadequações éticas para o início da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Liberado Ad Referendum

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1136338.pdf	15/11/2018 20:18:19		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	PROJETOCEP.docx	15/11/2018 20:16:54	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE



Ativar
Acesse

Continuação do Parecer: 3.035.950

Investigador	PROJETOCEP.docx	15/11/2018 20:16:54	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2018.docx	15/11/2018 20:15:26	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
Outros	divulgacaore resultados.png	15/11/2018 20:12:39	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
Outros	termodecoletadematerial.pdf	15/11/2018 20:11:32	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
Outros	anuenciaCCS.doc	01/10/2018 19:45:19	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
Outros	anuenciaCFP.doc	01/10/2018 19:44:59	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
Outros	anuenciaCES.doc	01/10/2018 19:44:34	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao2018.docx	17/05/2018 17:56:52	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto2018.docx	17/05/2018 17:51:43	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 23 de Novembro de 2018

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n
Bairro: São José CEP: 58.107-670
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br